



A dinâmica do Português Brasileiro na imprensa escrita: o caso de empréstimos e estrangeirismos lexicais

*The dynamics of Brazilian Portuguese in the written press: the case of borrowings and
foreignness*

Maria José Alves*
Universidade Federal de Goiás
Catalão, Goiás, Brasil

Alexandre António Timbane**
Universidade Federal de Goiás
Catalão, Goiás, Brasil
Elucidar

Resumo: A criação lexical ocorre cotidianamente nas várias situações de uso da língua, inclusive nos textos que circulam na imprensa escrita, sendo, portanto, importante meio para observação da forma como se processam fenômenos linguísticos denominados estrangeirismos ou empréstimos. A partir da revisão bibliográfica de autores como Alves (1990), Bechara (2009), Carvalho (2009), Correia e Barcellos Almeida (2012) e Timbane (2013a), objetiva-se discutir as diferenças entre os conceitos apresentados e refletir sobre a importância desses fenômenos na manutenção da língua, pretendendo identificar e compreender a formação de neologismos. Do *Jornal do Tocantins*, foram analisados 20 textos dos gêneros notícia e artigo de opinião que divulgaram atualidades sobre as olimpíadas Rio-2016, sendo possível identificar 25 casos de manifestações neológicas, sendo 12 de neologismos formais e 13 de neologismos por empréstimos. A partir da pesquisa, pode-se perceber que os esportes paraolímpicos criaram novos nomes para esportes novos, sendo a maioria dos estrangeirismos provenientes do inglês. Os neologismos são responsáveis pela dinâmica lexical e a mudança semântica das palavras já existentes. Conclui-se, ainda, que a língua tem uma dinâmica que acompanha os acontecimentos da sociedade, da evolução tecnológica e, ao longo do tempo, há tendência de desneologização lexical.

Palavras-chave: Léxico. Neologismo. Estrangeirismo. Empréstimo.

Abstract: Lexical creation occurs daily in the various situations of language use, even in the texts that circulate in the written press, and is therefore an important means for observing the way in which linguistic phenomena are denominated foreignisms or loans. In the literature review of authors such as Alves (1990), Bechara (2009), Carvalho (2009), Correia and Barcellos Almeida (2012) and Timbane (2013a) aim to discuss the differences between the presented concepts and reflect on the importance of these phenomena in the maintenance of the language, aiming to identify and understand the formation of neologisms. From the Tocantins Newspaper, 20 texts of the news genre and opinion article were analyzed, which disclosed the Rio 2016 Olympics Games. It is possible to identify 25 cases of neologisms, 12 of which are formal neologisms and 13 are neologisms by loans.

* Mestranda em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão, GO, Brasil e Professora do IFTO – Campus Porto Nacional, Tocantins, Brasil.

** Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão, GO, Brasil. Pós-doutor em Estudos Ortográficos, Pós-Doutor em Linguística Forense, Doutor em Linguística e Língua portuguesa, Mestrado em Linguística e Literatura Moçambicana, Licenciado em Ensino de Francês.

From the research, it can be seen that the Paralympic Games created new names for new sports, being the majority of foreignisms coming from English. Neologisms are responsible for lexical dynamics and the semantic change of existing words. It is also concluded that language has a dynamic that accompanies the events of society, technological evolution and, over time, there is a tendency to stop this recurring lexical phenomenon.

Keywords: Lexicon. Neologism. Foreignness. Loan.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciamos este artigo com a afirmação de Fernão Lopes, gramático do século XVI (1507-1581), extraída da *Gramática da linguagem portuguesa*: “a língua é o que os falantes fazem dela” (OLIVEIRA, 1981). A afirmação resume a essência dos debates que serão desenvolvidos neste artigo, visto que vivenciamos, já de longa data, discussões em torno dos usos da língua e, mais especificamente, da criatividade lexical através do processo neológico. Na perspectiva de Oliveira, são os falantes que moldam a língua através do uso cotidiano.

É observável que posicionamentos de cunho homogeneizantes e generalizados que pretendem uniformizar e engessar a nossa língua estão sempre gerando polêmicas e ganhando espaço na mídia, muitas vezes de forma preconceituosa. Estudar os neologismos que se inserem na nossa comunicação, por caminhos diversos, é, em nossa visão, importante contribuição para o combate ao preconceito linguístico arraigado na nossa sociedade. Com esse propósito, analisaram-se textos jornalísticos com base em estudos que abordam a questão “criação lexical” observando neologismos de todo tipo, com especial atenção para os estrangeirismos e os empréstimos na área esportiva.

Mesmo entre os estudiosos, o debate sobre esses fenômenos linguísticos não é pacífico. Há, por parte de alguns, um sentimento de invasão de palavras estrangeiras na nossa língua, que ocorre com muita intensidade, principalmente no século XXI. Essa expansão se justifica pelo desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e de informação que proliferam, bem como das políticas de globalização que são bastante contundentes. Sendo assim, há uma tendência de proteger a língua desses “males”. A lei dos estrangeirismos – Lei Federal nº 1676/1999, que dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa – é um exemplo claro dessa ideia de proteger a língua dos ‘invasores’. Olhando pela perspectiva científica, não há dúvidas de que a língua está em constante mutação, ocorrendo segundo variáveis sociais e propriamente linguísticas, tese que prova que nenhuma língua viva está imune às mudanças (BIZZOCCHI, 1997; TIMBANE, 2014).

Essa polêmica não é recente. Historicamente, deparamos com posturas conservadoras que trataram o estrangeirismo como “vício de linguagem”. Afinal, o que pensam os estudiosos sobre o assunto? Há riscos ou não do português perder a sua identidade por causa dos empréstimos? Avança a hipótese de que devemos olhar os empréstimos e estrangeirismos linguísticos como contribuição linguística das nossas variedades, pois é visível que cada variedade faz suas escolhas lexicais estrangeiras.

O objetivo deste artigo é discutir os conceitos de empréstimo e estrangeirismo e apontar as diferenças, trazendo à tona alguns exemplos práticos, além de refletir sobre a

importância desses na manutenção e dinamismo da língua. É salutar destacar que se o latim não tivesse variado e mudado não teríamos o francês, o espanhol, o português e as outras línguas românicas. Isso significa que essa ação foi acompanhada pelo empréstimo de várias unidades lexicais.

Inicialmente, fazemos uma reflexão sobre o processo de criação lexical; em seguida, o artigo traz os principais conceitos definidos por diferentes teóricos que explicam a formação dos neologismos; a terceira parte diferencia estrangeirismo de empréstimo, apontando as peculiaridades na formação da variedade da língua portuguesa utilizada atualmente. Há, ainda, para uma melhor contextualização das discussões apresentadas, uma análise de dados de palavras colhidas em 20 textos extraídos do “Jornal do Tocantins”, dos gêneros notícia e artigo de opinião, que trataram dos jogos olímpicos, trazendo no seu bojo termos caracterizadores dos esportes, com a presença natural de elementos neológicos do universo esportivo. Por fim, temos as ‘considerações finais’

2 O PROCESSO DE CRIAÇÃO LEXICAL

A criação lexical é um fenômeno que ocorre de forma natural em todas as línguas, fato que é sempre comprovado pela etimologia. A etimologia, segundo Bizzocchi (1997, p. 27), é “o estudo da origem das palavras, a busca de étimo, palavra considerada como ancestral daquela que constitui o objeto da pesquisa etimológica”. Todas as línguas têm um repositório virtual riquíssimo, em que cada falante vai buscar o vocabulário suficiente para a elaboração do seu discurso.

Esse repositório é amplo e se expande ao longo do tempo, tendo em conta as variáveis sociais e linguísticas. Essa ampliação lexical está intimamente ligada à cultura, à dinâmica, às novas tecnologias e aos hábitos da sociedade. “Se a cultura de um povo é a representação de suas vivências e experiências, ela é expressão de vida e está impregnada nas formas de sobrevivência e de lutas concretas que fazem parte do mundo real e estão presentes no cotidiano desse povo” (SIQUEIRA, 2015, p.21).

As necessidades comunicativas do dia a dia provocam essa expansão lexical que é influenciada pelo desenvolvimento das sociedades, pelo aparecimento das tecnologias, pelas mudanças econômicas e as formas de ser e de estar em sociedade. Toda língua viva passa por esses processos. São mutações naturais, constantes e recorrentes em todas as comunidades que têm contato com outras. Acreditamos que, em povos isolados, esse processo não ocorra, mas no mundo atual, em que a dinâmica é mais acelerada, todas as comunidades que mantêm contatos entre si, certamente, serão influenciadas ou influenciarão outras.

Antunes (2012, p. 27) define o léxico como o “amplo repertório de palavras de uma língua”. Mas como esse processo é bastante dinâmico, sendo o léxico aberto, inesgotável, estando em constante renovação, há palavras que podem não constar nos corpora utilizados na elaboração do dicionário, não sendo possível registrá-las. Isso ocorre porque os materiais utilizados, geralmente, não representam o todo.

É importante referir que o acervo pessoal depende da experiência, da convivência social e do uso da língua num determinado espaço geográfico. Repetimos com Antunes

(2012, p. 27), “as palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem”. Está claro que o vocabulário usado por um moçambicano é bem diferente do que é utilizado por um brasileiro ou angolano. Cada variedade (inserida numa cultura) acumula experiências lexicais próprias daquela comunidade linguística, respondendo, assim, à realidade sociocultural local. Para Timbane, Santos e Alves (2016, p.774), “Toda a variação e mudança é incentivada pela cultura, pela tradição, pelo desenvolvimento econômico e político que cada lugar geográfico observa”. Os autores dão exemplos de palavras ‘diskmarmita’, ‘diskdenúncia’, ‘diskgás’, ‘disktáxi’, ‘táxi-dog’, extraídas do jornal brasileiro “O Liberal”, unidades lexicais que não ocorrem em Moçambique e Portugal, refletindo uma realidade contextual própria do Brasil.

Um falante nativo maior de idade conserva no seu acervo individual uma quantidade de palavras que usará na sua comunicação. Essas palavras constituem o que chamamos de vocabulário. O vocabulário pode ser definido como as palavras memorizadas e em uso por um falante, não chegando, nem de longe, a ser o total das palavras existentes numa língua. Por outro lado, existem variantes, variedades e dialetos enriquecedores, trazidos por cada membro, na formação do léxico de uma língua. Dessa forma, a

[...] variação lexical está intimamente relacionada ao sentido atribuído aos elementos constituintes do mundo que rodeia cada membro de uma comunidade linguística. O processo de categorização do mundo e sobre o mundo é uma característica marcante que influencia fortemente a variação lexical, traduzindo-a em sentimento de pertença a um ou outro grupo do qual faz parte o sujeito. Nesse sentido, importa dizer que a variação lexical se dá dentro das possibilidades de usos permitidos pelo sistema linguístico vigente no interior da comunidade linguística (TIMBANE; SANTOS; ALVES, 2016, p.775).

As constatações de Timbane, Santos e Alves (2016) reforçam a ideia de que a criação lexical não é algo anormal da língua. Está prevista no sistema linguístico, tanto que a entrada de palavras novas não é caótica nem arbitrária, tal como veremos mais adiante. A chegada de palavras novas obedece a regras rígidas estabelecidas pela língua acolhedora. Definimos então a criação lexical, como o processo natural da língua que permite originar novas palavras ou importar palavras de outras com o objetivo de responder às necessidades comunicativas dos falantes. Essa criação ocorre ao nível da fala, consolida-se e armazena no sistema lexical da língua. Portanto, todo o processo inicia no vocabulário para, posteriormente, ser armazenado no sistema linguístico.

A criação lexical só ocorre numa situação de língua em uso, podendo ser originada por fatores sociais, econômicos, políticos e, sobretudo, culturais, que interferem na dinâmica da comunidade linguística. O Português do Brasil mudou bastante ao longo do tempo porque a sociedade também mudou. Cada variedade vai moldando ao seu critério e prioridade de criação e, assim, surgem palavras específicas do grupo. No contexto do Brasil, chamaríamos de brasileirismos; no contexto de Moçambique, chamaríamos de moçambicanismos e assim por diante (TIMBANE, 2013b). Falando sobre “A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos”,

Timbane (2013b) mostra que há palavras do português de Moçambique que não têm equivalência no português do Brasil e vice-versa. Vejamos alguns exemplos ilustrativos no quadro abaixo:

PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)		PORTUGUES MOÇAMBICANO (PM)	
Palavra do PB	Equivalente no PM	Palavra do PM	Equivalente no PB
<i>jaboticaba</i>	SE (planta, n.c. <i>plinia cauliflora</i>)	<i>capulana</i>	SE (tecido ou pano que mulheres amarram na cintura ou embalam filho)
<i>canapé</i>	SE (peça de mobiliário, semelhante ao sofá)	<i>cacana</i>	SE (planta. n.c. <i>momordica balsamina</i>)
<i>borracharia</i>	SE (lugar onde se enche e remenda pneus)	<i>matapa</i>	SE (molho feito à base de folhas de mandioca)
<i>capivara</i>	SE (animal, mamífero, n.c. <i>hydrochoerus hydrochaeris</i>)	<i>patchar</i>	SE (cerimônia de evocação de antepassados)
<i>Tuiuiú</i>	SE (ave de n.c., <i>jibiru mycteria</i>)	<i>chigovia</i>	SE (Flauta feita de fruta da massala, n. c. <i>strychnos spinosa</i>)
<i>nboque</i>	SE (massa preparada a base de batata, farinha de trigo ou mandioca)	<i>monhé</i>	Qualquer pessoa de origem indiana ou descendente

Quadro 1: Moçambicanismos e brasileirismos

Legenda: S. E. = Sem equivalência N. C.= nome científico

Fonte: Adaptado de Timbane (2013b)

O Quadro 1 ilustra como as palavras fazem sentido no contexto social em que são usadas, até porque, em algum momento, refletem o meio ambiente em que os falantes estão inseridos (SAPIR, 2016; COUTO, 2007). Por essa razão, Mufwene (2016, p.496) reforça que “embora os falantes reflitam a história de sua(s) língua(s) e suas próprias histórias interacionais pessoais, eles dão forma à história atual de sua(s) língua(s) no modo como (s) usam em diferentes ocasiões para atender suas próprias necessidades comunicativas.” As palavras do português de Moçambique não são reconhecidas por falantes da variedade brasileira, nem aparecem nos principais dicionários brasileiros. E seria estranho se aparecessem, pois os corpora brasileiros jamais poderiam confundir o leitor fiel. Se perguntarmos a um brasileiro desavisado, ele não saberá o significado das palavras do PM. A falta de compreensão se justifica pelo não conhecimento de realidades culturais moçambicanas. Quer dizer que são unidades lexicais que fazem referência ao ambiente social em que os falantes estão envolvidos. Tal como reforça Sapir (2016, p.37), a “língua sofre materialmente a influencia do quadro ambiental em que se acham os seus falantes.”

A mesma influência ambiental observada nos exemplos do PM, as palavras ‘tuiuiú’, ‘capivara’, ‘borracharia’, ‘jaboticaba’ e outras não ocorrem no português de Moçambique,

pois não correspondem ao ambiente cultural no qual a comunidade está envolvida. Com isso, chega-se à conclusão de que o léxico reflete a cultura, o ambiente e as tradições que envolvem a comunidade de fala. Por essa razão, Sapir chega à conclusão de que “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 2016, p.38). Mas é importante dizer que todas estas palavras (do PM e do PB) fazem parte do acervo da língua portuguesa. Portanto, ‘matapa’ ou ‘jaboticaba’ são palavras da língua portuguesa e ocorrem em lugares geográficos diferentes. Algumas palavras são comuns, mas outras são específicas de variedades, de variantes e de dialetos. Por essa razão, Sapir compreende que “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que se açambarcam a atenção da comunidade...” (SAPIR, 2016, p.38). Por isso, o conjunto lexical que vemos organizado num dicionário é, na verdade, uma parte de um grande leque de palavras acumuladas no sistema proveniente das diversas lusofonias. O importante é reconhecer as variedades como percurso normal da língua portuguesa, havendo, assim, a necessidade da criação de dicionários que possam ajudar quem deseja conhecer o léxico de outras variedades.

3 NEOLOGISMO E SUAS COMPLEXIDADES

A noção de neologismo é complexa, pois cria ambiguidades e exige argumentos científicos. Correia e Barcellos Almeida (2012) recorrem à origem grega dessa palavra e definem ‘neologia’ e ‘neologismo’ a partir da sua composição: *neo-*, com o significado de ‘novo’, e *-logos*, com o significado de ‘noção’. Lembram as autoras que essa denominação traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas e pode ser “entendida, ainda, como o estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua” (CORREIA, BARCELLOS ALMEIDA, 2012, p.17). O neologista francês Jean François Sablayrolles, em seu capítulo *La néologie aujourd’hui*, mostra que as criações de novas palavras podem ocorrer dentro da língua (matriz interna) ou advir de fora da língua (matriz externa). O importante a marcar nesse processo é que as formações novas devem se conformar com as regras pré-estabelecidas pelo sistema. Para Sablayrolles (2006), a busca por palavras novas é incessante e inevitável e demonstra que a língua é viva, ativa e em constante mudança.

A princípio, a palavra “neologismo” é muito generalista, pois abrange o léxico (vocabulário), a semântica e a sentença. Vamos explicar cada um desses aspectos mais adiante. Por enquanto, cabe definir o termo como palavras novas, sentidos novos, ou contextos novos que ocorrem na fala e na escrita dos usuários de uma determinada língua, podendo advir de criações dentro da língua, mas também podem ser criações decorrentes de outras línguas (ALVES, 1990; TIMBANE, 2013a). Esse deslocamento de palavras de uma língua para outra não prejudica nem atrapalha, pois muitos desses casos enriquecem, trazendo novas realidades ou mesmo novos estilos.

Alves (1990), ao tratar do assunto, define a neologia como o processo de criação lexical. “O elemento resultante, a nova palavra, é denominado **neologismo**” (ALVES,

1990, p. 5, grifo nosso). Para explicar os mecanismos de ampliação do léxico, Carvalho (2009, p. 32) compara-o ao universo galáctico: “por incorporar as experiências pessoais da comunidade que a fala”, o léxico vive em expansão permanente, ou seja, sempre haverá incorporação de palavras para expressar algo novo, podendo ser, em suma, um objeto, um sentimento, ou uma desconstrução.

Essas incorporações entram na língua por vários caminhos. Um desses caminhos é a autonomia adquirida no trato do idioma. Essa intimidade gera liberdade para recusa ou desconsideração das restrições apresentadas pelas regras da gramática, permitindo uso e adaptação do discurso necessário ao que se pretender reconstruir.

Nesse sentido, Alves (1990) afirma que, como a língua é patrimônio de sua comunidade linguística, qualquer falante tem o direito de criar palavras, mas quem tem o papel de pactuar, perpetuar e difundir essa criatividade é a comunidade. Pretende-se dizer que quem aprova essa nova palavra é a comunidade. Caso contrário, a palavra passa para o esquecimento. Há escritores que cultivam a arte de criar palavras. Tais produções literárias são artificiais e muitas vezes não chegam a ser empregadas pelos falantes. Esse aspecto somente revela a capacidade de criação do autor no manuseio da palavra. Nessa perspectiva, vale citar dois importantes romancistas do século XX que inovaram e enriqueceram com suas obras nosso acervo lexical: Mário de Andrade e João Guimarães Rosa. Esse último escreveu *Sagarana*, cujo título mistura “saga”, de matriz europeia, com o elemento indígena “rana”. Percebe-se, ao estudar os autores que “abusaram” dos neologismos, que tais usos permitiram explorar sensações que, de outra forma, não seria possível atingir, despertando novos sentimentos no leitor, mesmo que, para isso, tivessem que transgredir a norma.

Alves (1990) argumenta que não há um mecanismo para garantir que um neologismo se torne parte do acervo lexical de uma língua. A comunidade de falantes, ao difundir o elemento neológico ou não, decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. Para Bechara (2009), os neologismos entram na língua por diversos processos linguisticamente legais. Um deles é mediante a utilização de recursos gramaticais, isto é, “dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua” (BECHARA, 2009, p. 430).

O termo “neologismo” pode ser utilizado também para se referir a uma unidade léxica de formação recente que se junta ao termo já existente. Bechara (2009) acrescenta que os neologismos são palavras que vêm atender às necessidades renovadoras da cultura, da ciência e da comunicação de modo geral. A criação nova pode advir de uma palavra nova (neologia lexical), através de novos significados que uma palavra adquiriu (neologia semântica) ou através da transformação de uma classe gramatical (neologia sintática) ou ainda quando se empresta uma palavra de uma língua (neologia por empréstimo), tal como Correia (1998), Correia e Barcellos Almeida (2012).

Segundo Alves (1990), o fenômeno neologismo ocorre em todas as formas linguísticas: fonético-fonológicos, sintáticos, morfológicos, semânticos, pragmáticos, etc. O léxico vai sendo enriquecido com formas novas, mas a maioria das palavras é “calcada em palavras previamente existentes” (CARVALHO, 2009, p. 33), sendo modificada

através da criatividade de seus falantes, uma importante propriedade dos sistemas linguísticos.

Alves (1990) afirma que um dos raros casos de palavras inéditas, sem base em nenhuma palavra já existente, são os **neologismos fonológicos**, um mecanismo bastante raro, a exemplo das onomatopeias, citadas pela autora. Observamos que esse exemplo soa, de certa forma, confuso e vago, pois mesmo a autora alertando para o fato de a criação onomatopaica não ser “totalmente arbitrária” e da impossibilidade de seu significante ser imotivado, não nos parece claro defini-la como inédita. Como exemplo, pode-se citar o caso de **fobaifó**, resultante da criação de uma palavra a partir de Algarismos 4x4. Em Moçambique, qualquer carro com atração nas quatro rodas é chamado de /fobaifo/. No Brasil, ao invés de se criar uma palavra baseada na língua inglesa, formou-se outra a partir do português, a expressão quatro por quatro. Outro exemplo é o da palavra ‘aids’, cuja pronúncia é /aidis/, proveniente da formação de uma palavra através do processo de **siglação** ou **acronomização**¹. Veja-se que, no PB, utiliza-se o acrônimo inglês **aids** ao invés de **sida**, palavra mais frequente no resto da lusofonia. Outro exemplo ocorre na língua changana falada no sul de Moçambique. A palavra *baa* (que significa cor branca) pode mudar de sentido e trazer outros significados quando reforçamos: *babaa* (que significa muito branco) ou ainda *bababaa* (que significa muitíssimo branco). Aqui nesses ideofones, observa-se que o reforço do som /a/ cria uma noção nova de quantidade, quer dizer, a quantidade se multiplica através da quantidade do som emitido pelo falante. Entendemos aqui a presença de neologismos fonológicos, pois a intensidade fônica marca a questão quantidade que depende da concepção que varia de língua para língua.

Já os **neologismos sintáticos**, ao contrário dos anteriores, utilizam da base do sistema linguístico. São categorizados como derivados, quando recebem prefixos ou sufixos com a função de acrescentar ou alterar significados, como em “subvalorização” e “historificável”; compostos, quando há justaposição de bases autônomas ou não-autônomas, a exemplo de “enredos-denúncias” e “tropicologia”; compostos sintagmáticos, quando há íntima relação sintática de forma a constituírem uma única unidade léxica, como ocorre em “produção independente”; e compostos formados por siglas ou acronímicos, que resulta da economia discursiva, sendo constituído pelas iniciais dos elementos componentes do sintagma, ou da união de algumas sílabas do conjunto sintagmático, a exemplo de “APM” e “Anfavea” (ALVES, 1990).

Outro tipo de criação lexical são os **neologismos semânticos**, que se operam sem nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. A neologia semântica se revela de formas diversas. A mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sínecdoque, vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais (ALVES, 1990). Por exemplo, a

¹ A siglação ou acronomização é o processo de formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros ou mesmo da língua alvo. Para mais detalhes, conferir o artigo “a formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa” publicado na Revista Verbum, n.6, p.50-68, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/18307>>. Acesso em 30 ago. 2017.

palavra ‘gato’ é definida comumente como pequeno mamífero carnívoro, doméstico da família de felídeos (*felis catus*). Mas, quando o sentido/significado se estende para ‘ligação clandestina de energia elétrica’ ou ‘ladrão’ (daí o adjetivo gatuno), ou ainda ‘indivíduo bonito’ (considerando os padrões aceitos por um grupo social), estamos diante de neologismos semânticos. Isso acontece porque os valores semânticos se estendem a outros referentes ligados aos contextos socioculturais.

De forma abrangente, Correia e Barcellos Almeida (2012) diferenciam os neologismos em apenas dois tipos: quando uma criação neológica vem atender à nomeação de um elemento novo, recebe o nome de **denominativa**; quando ela se dá com o intuito de traduzir maior expressividade a algo já existente, temos a **estilística**. Tratando de entender essa diferenciação, pensemos nas palavras que foram incorporadas ao português de Portugal que eram de elementos inexistentes naquela cultura, ou quando inserimos palavras para nomear criações do universo da informática, como, por exemplo, *e-book*.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que estamos, a todo momento, tendo necessidade de renovar a nossa linguagem, daí ser fundamental entender essa dinamicidade própria da atividade linguística, seja criando ou recriando. Há também o neologismo **formal, conceptual ou semântico e por empréstimo**. Para Ferraz (2006), esse mecanismo ocorre quando há a “construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico” (FERRAZ, 2006, p. 221). Timbane (2013a) define como neologismo formal qualquer “palavra nova introduzida em nosso idioma, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro” (TIMBANE, 2013a, p. 138). Daí entendermos que ambos, mesmo Ferraz (2006) não fazendo menção aos estrangeirismos, tratam da mesma análise, pois, como veremos adiante, mesmo o elemento estrangeiro, quando inserido, sofre adaptação dos procedimentos internos da língua que importa.

Há consonância entre ambos ao tratar da neologia conceptual ou semântica: “a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes” (FERRAZ, 2006, p. 222) e “atribui novos significados a unidades lexicais antigas” (TIMBANE, 2013a, p. 139). Para exemplificar, apresentam-se as seguintes formações já usuais no nosso léxico: discos-voadores, camas elásticas, secretária eletrônica. Também a neologia de empréstimos figura de forma pacífica entre os dois estudiosos, sendo para Ferraz (2006, p. 222) “a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais podem-se apresentar adaptadas ou não à nova língua”, enquanto Timbane (2013a, p. 139) a define como “unidades lexicais importadas de outras línguas”.

Concluimos esta seção trazendo ao debate a questão do “sentimento neológico” (SABLAYROLLES, 2006) que ainda é pouco discutida na literatura brasileira. A identificação de um neologismo, muitas vezes, é baseada num *corpus* de exclusão que, em muitos casos, é um dicionário. Não existe um consenso entre linguistas, mas essa noção é extremamente importante, pois resulta da reação da comunidade linguística com relação à novidade ou não de uma palavra. É importante entender que quem faz a língua é a comunidade, através do uso compartilhado pelos falantes. É a comunidade que deve dar

sua opinião com relação ao “sentimento” e reconhecimento da existência ou não de uma palavra candidata a neologismo. Sablayrolles (2006) aponta que a flutuação do “sentimento neológico” é um problema que está longe de ser consenso, mas não constitui uma mera especulação teórica sem consequências reais. A experiência mostra que existem distorções significativas na identificação de neologismos. Seria importante testar junto aos falantes se uma palavra candidata a neologismo é ou não nova. Uma vez que existem variedades e variantes dentro do espaço lusófono, uma palavra candidata a neologismo pode ser nova num país e ser antiga noutro. Por exemplo, as palavras “aipi”, “aipim”, “uaipi”, “macaxeira”, “maniva” e “pão-de-pobre” são conhecidas no Brasil, mas desconhecidas em Angola, Moçambique e Portugal. Já a palavra “mandioca”, sinônimo delas, é conhecida em todos os quatro contextos. A falta de conhecimento de um pesquisador angolano, moçambicano ou português pode induzi-lo a classificar tais palavras como novas. No entanto, elas já fazem parte da língua portuguesa, particularmente da variedade brasileira.

Nesse aspecto, percebemos que o *corpus* de exclusão muitas vezes induz ao erro, pois nem todas as palavras existentes numa língua estão presentes no dicionário. O dicionário apresenta uma parte das palavras existentes no sistema linguístico. O léxico é muito mais do que o que aparece num dicionário. É preciso pensar sempre qual o *corpus* será usado e qual variedade da língua é alvo da pesquisa. A pergunta que não quer calar é a seguinte: a partir de quando uma palavra deixa de ser nova? Até onde permanece a neologicidade de uma palavra? A resposta não é tão simples e está intrinsecamente relacionada ao “sentimento neológico”. Não basta que ocorra num dicionário (impresso/eletrônico) para que se desneologize. A sua frequência de uso é fundamental para que uma palavra seja reconhecida como parte do léxico.

4 DEBATE SOBRE ESTRANGEIRISMOS X EMPRÉSTIMOS

Considerando que uma das formas de ampliação do acervo lexical se dá pela neologia de empréstimos, discutiremos diferentes autores para entender o caminho percorrido pelas palavras, a partir do momento em que passam a ser chamadas de empréstimos ou estrangeirismos. Como se dá essa diferenciação? O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) traz acepções que nos permitem destacar, a partir de seu conceito, que a diferença principal é a incorporação ao léxico, ao afirmar que, enquanto o empréstimo já faz parte da língua, o estrangeirismo continua como elemento estranho.

Para Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p. 37), estrangeirismos “são palavras provenientes de línguas estrangeiras que não estão integradas no léxico do português, sendo empregadas na nossa língua”. Quando há a adoção e a adaptação dessas palavras de línguas estrangeiras, elas perdem esse caráter, recebendo uma nova identidade e, conseqüentemente, uma nova designação, isto é, empréstimo, sendo “a forma mais produtiva de renovação lexical na língua portuguesa, em sua vertente brasileira” (CARVALHO, 2009, p. 37).

Para Houaiss e Villar (2009, p. 743), o empréstimo é a “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua [Dá-se por diferentes processos, tais

como a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e/ou grafia (*know-how*), ou com adaptação fonológica e ortográfica (garçom, futebol)”. O estrangeirismo é uma “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora; peregrinismo, xenismo” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.839).

Algumas palavras estrangeiras têm equivalência em português (*test drive*) outras não (*apartheid*). Algumas palavras se adaptam (sanduiche=*sandwich*; eslaide=*slide*), mas outras mantêm a grafia da língua de origem (pendrive; shopping). A integração de palavras estrangeiras obedece a regras do português. Por exemplo, todos os verbos estrangeiros, quando chegam no português, passam a pertencer a primeira conjugação, terminando em -ar. (ex. esnobar, printar, deletar). Para Rodrigues (1992, p.99), uma língua pode tomar de empréstimo vocábulos de outras línguas, adaptando-os ou não. E dizemos que a adaptação de um vocábulo de uma língua B ao sistema linguístico de uma língua A é um caso de empréstimo, enquanto que o estrangeirismo consiste na adoção do vocábulo da língua B em sua forma original. A sua forma original corresponde à adoção da sua grafia. As palavras “shopping”, “pendrive”, “AIDS” já estão enraizadas na nossa língua de tal forma que já não são sentidas como estrangeiras.

Timbane (2012, p.8) afirma que “alguns estrangeirismos, logo que entram na língua, conseguem manter suas características de proveniência, mas outros mudam transformando-se em empréstimos”. E também lembra que “as transformações fonéticas e ortográficas fazem com que haja passagem de estrangeirismo para empréstimo” (TIMBANE, 2012, p. 5).

Outras fases da inserção ocorrem quando temos, primeiramente, a palavra estrangeira, existente na língua ‘A’, sua entrada na língua ‘B’, passando a estrangeirismo; em seguida, se houver adaptação na língua ‘B’, recebe o nome de empréstimo; ou xenismo quando não ocorre a adaptação na língua ‘B’. Como exemplos, temos futebol (adaptação de *football*) e *show* (ausência de adaptação).

Rodrigues (1992) advoga que as importações linguísticas, em especial lexicais, são decorrentes de uma necessidade expressiva e comunicativa sentida pela comunidade que sofre influências políticas, culturais e tecnológicas, gerando uma pressão que transcende as capacidades da língua. Por isso que se fala de estrangeirismos ou empréstimos “necessários” e “de luxo”. O primeiro tipo aparece justamente pelo fato de não existir uma palavra equivalente naquela língua, e o segundo tipo ocorre pelo fato de ser mais chique usar determinada palavra em detrimento de outra. Na perspectiva de Sablayrolles (2006), todos os empréstimos e estrangeirismos pertencem à matriz externa. É importante observar que todos os estrangeirismos, necessários ou não, amplamente utilizados “não parecem representar de fato nenhuma ameaça à integridade do português brasileiro, embora inegavelmente causem em alguns um certo desconforto, digamos, linguístico” (XATARA, 2001, p.153). É importante salientar que o estrangeirismo não significa “estrangeiro” ao país em questão, mas em relação à língua em estudo apenas. Para ilustrar, é importante pensar que na língua Wapichana, da família Aruak, falada em Roraima/Brasil, as palavras “acusa” = “agulha”, “baraka’u” = “branco (cor)”, “kamich” = “camisa” e “karit” = “carta, livro, papel” (SANTOS, 2009) são estrangeirismos

provenientes da língua portuguesa. Isso significa que essas palavras são estrangeiras em relação à língua do povo wapichano.

Outra questão concernente aos empréstimos que merece consideração nesta pesquisa é a importação da palavra *disk* do inglês que significa ‘disco’. Da grafia inglesa *disk*, formamos diversas palavras novas por composição: **disk bebidas, disk marmitex, disk taxi, disk denuncia, disk lanches** etc. A palavra inglesa *disk* significaria semanticamente ‘se você deseja este produto/serviço ligue para...’. *Disk* relembra o período em que os telefones usavam um disco para a marcação dos números. Hoje nem faria sentido, pois os números são digitados e não discados. Houve aqui um transporte da ideia de telefone antigo (que era discado) para a realidade atual na qual já se disca para ‘marmitex’, para ‘táxi’, para ‘denúncia’, para ‘lanches’ etc. Passemos agora para a metodologia e análises dos dados.

5 METODOLOGIA, DADOS E ANÁLISES

Para a pesquisa, coletamos e analisamos, do *Jornal do Tocantins*, 20 textos dos gêneros notícia e artigo de opinião que divulgaram atualidades sobre as olimpíadas Rio-2016, no período compreendido entre 5 e 15 de agosto de 2016, com objetivo de identificar e compreender a formação de neologismos lexicais. Essa recolha teve como objetivo apresentar e analisar os neologismos presentes nesse jornal que abordam as olimpíadas e paralimpíadas “Rio 2016”. Salienta-se que não se obteve autorização dos autores, uma vez que esse material é de domínio público, justificando a não submissão da pesquisa ao CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

Os textos foram selecionados tomando por base, inicialmente, o assunto das competições sendo abordado por esse veículo de comunicação que, por seu alcance e poderio, é o principal jornal escrito e impresso, de circulação diária do Estado. Para um melhor tratamento dos dados, codificaram-se os textos de forma a organizar o material analisado e permitir o acesso a cada artigo de opinião ou notícia que integrou o *corpus* deste trabalho.

Após leitura e seleção, apenas extraíram-se os dados, com recurso ao exemplo (doravante, Ex.) genuíno extraído do corpus da pesquisa. A letra maiúscula “A” significa “artigo” e “N” significa “notícia”, correspondendo aos gêneros textuais analisados. A numeração árabe contínua (1 a 10) funciona como organização sequencial. O jornal, de modo geral, apresenta uma heterogeneidade de gêneros textuais e os textos que circulam “têm um vínculo espaço-temporal, estando atrelados a um mesmo momento e lugar, refletindo certo contexto sócio-histórico” (BERLINCK, BIAZOLLI, BALSALOBRE, 2014, p. 265).

Para melhor compreensão das classificações, citamos exemplos que foram encontrados nos artigos de opinião e no noticiário analisados, começando com a análise da formação do termo “paralimpíada” que resulta da soma do elemento grego “par (a)- “que passa a noção de ‘ao lado de’, ‘ao longo de’, ‘para além de’ com o substantivo ‘olimpíada’, como nas manchetes seguintes:

(1) “...atletas surdos não participam de **Paralimpíada**...” (N4), dando origem às adjacências relacionadas com esse mundo esportivo que ocorre logo após as olimpíadas, explicando assim a nomeação. Exemplos: (2) “Os surdos têm uma competição específica, que é a **surdolimpíada**” (N4); (3) “...Com essas dificuldades, os **surdoatletas**...” (N4); (4) “...nos jogos **surdolímpicos**...” (N4); (5) “...demanda do **surdodesporto** brasileiro...” (N4); (6) “...risco de contrair zika² nos Jogos **Paralímpicos** é baixo, mas não zero, diz OMS” (N1); (7) “...três bronzes no **Parapan** do Canadá.” (A10).

É importante atentar para o fato de que essa nomenclatura foi traduzida do termo *paralympic*, que, por sua vez, foi criado com base no cruzamento de *para(plegic)* + *(o)lympics*, daí podermos classificá-lo como estrangeirismo que virou empréstimo, sendo constatado em vários momentos, com a tradução, como em: (8) “...competição específica, que é a **Surdolímpica** (*Deaflympics*)...” (N4).

Outros casos de neologismo formal, formados por composição, são constatados, como em: (9) “...mas sua **espetacularização** é um efeito...” (A7); (10) “...disse o atleta **multimedalista**...” (N2); (11) “...os números do **megaevento** impressionam...” (A6)

Outro processo de formação de neologismos se observa na transformação de siglas e acrônimos em palavras, como no exemplo seguinte: (12) “...trafegar sem portar **CNH**...” (A2).

Os neologismos por empréstimo são aquelas unidades que originam de línguas estrangeiras e servem para comunicação em português. A par disso, elencamos abaixo vários estrangeirismos usados para dar conta da expressividade em torno do esporte. Uma interessante maneira de compreender essa apropriação é perceber que vivemos a globalização em todas as áreas e não seria diferente com a área desportiva, principalmente em se tratando dos jogos olímpicos, um evento que reúne atletas de todas as partes do mundo, tendo a necessidade de aproximar e unir todos eles num mesmo objetivo.

Muitos desses esportes têm origem num país, mas ganham visibilidade, tornando-se do mundo. Assim, também se importa a denominação. São exemplos desse universo: (13) “...**goalball**, bocha e tênis em cadeira de rodas são algumas das modalidades...” (N6); (14) “...A gente vai dançar juntos, em um segmento chamado **Beyond vision** [além da visão] ...” (N3); (15) “...acabaram se interessando pela modalidade chamada **Lawn Bowls**, que é um tipo de bocha...” (N2).

Ainda em relação às modalidades, outras denominações com palavras já bastante utilizadas que, pela diacronia, não mais figuram como neologismos, são as palavras “**Laser**”, “**Star**” e “**Surf**”, que, neste trabalho, são destacadas para exemplificar como se dá o processo de neologia, podendo chamá-los de empréstimos. (16) e (17) “...mas o bicampeão olímpico na **Laser** (1996 e 2004), que também tem duas pratas (na Laser em 2000 e na **Star** em 2008) ...” (N10); (18) “...Uma das estrelas do espetáculo deve ser o jovem Davi Teixeira, de 11 anos, conhecido como Davizinho, que recentemente foi vice-campeão mundial de **surf** adaptado na Califórnia...” (N3).

² Nome de um vírus transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti* e identificado pela primeira vez no Brasil em abril de 2015. O vírus recebeu o nome “zika” porque é o nome da floresta da República de Uganda onde os cientistas identificaram a doença pela primeira vez em 1974.

Além das modalidades, outros empréstimos, também já incorporados ao nosso léxico, são: (19) “...Serão três horas de duração, com 2 mil voluntários e **shows** musicais...” (N3). O autor do texto completa: “Tudo é uma responsabilidade muito grande. É o maior **espetáculo** que já fiz na minha vida.” (N3), provando que, muitas vezes, os estrangeirismos são usados em substituição a palavras que temos equivalente em Língua Portuguesa. Daí ser chamado de estrangeirismo de luxo, por não haver necessidade dessa importação; (20) “...as brasileiras são as primeiras do **ranking** mundial...” (N9); (21) e (22) “...depois, um repórter travestido de **gourmet** tachou o biscoito Globo de sem graça — talvez por não tê-lo asfxiado com **ketchup**, como se faz com tudo que se come nos EUA...” (A3); (23) “...mas não é menos ético iluminar a cena de ações construtivas, frequentemente desconhecidas do grande público, que, sem alarde ou pirotecnias do **marketing**, colaboram, e muito, na construção da cidadania...” (A7).

Uma possível explicação para essa familiaridade com uma cultura alógena se dá quando percebemos que há uma série de palavras que podemos considerar “transnacionais”, ultrapassando barreiras, por vezes típicas, como “caratê”, “Coca-Cola”, “*know-how*”, “sushi”, “tequila” etc. (SILVA, 2010).

Ao tratar do evento, vieram à tona estrangeirismos como “selfie”, que entrou em nossa língua em virtude do contato com a tecnologia, para renomear um ato já existente em nossa prática, a do autorretrato, sendo considerada uma das palavras mais utilizadas, consolidada como mania na internet, como em (24) “...de **selfies** que tiveram como cenário algumas das vistas mais espetaculares do mundo...” (A3); e “zika” que, por ser um vírus que surgiu recentemente em nosso meio, passou a constar como risco de doença, podendo ser contraída pelos atletas que viriam participar dos jogos. É importante ressaltar que, ao importar a doença, importou-se, também, o termo que a denomina, como a maioria dos estrangeirismos. Veja: (25) “...a começar pela goleira Hope Solo, que, ainda nos EUA, posou fantasiada para se proteger do vírus da **zika** que fatalmente contrairia aqui...” (A3). Nesse caso, podemos defini-lo como termo necessário, pois, ao contrário do discutido anteriormente, não há equivalente para nomear a doença.

No *corpus* da pesquisa, foram identificados 25 casos de manifestações neológicas, sendo 12 de neologismos formais e 13 de neologismos por empréstimos. Os dados indicam que há mais ocorrências de neologismos por empréstimos. O recurso aos empréstimos se dá por “luxo” ou por “necessidade”, tal como se discutiu na fundamentação teórica. A partir dos dados analisados, concluímos que a maioria dos estrangeirismos utilizados provém da língua inglesa, a chamada língua franca. Essa constatação foi antecipada por Alves (1990), ao afirmar que os estrangeirismos, com mais ênfase para os anglicismos, estavam presentes nos vocabulários técnicos como a área da economia, da informática e dos esportes.

Cabe assim retomar as ideias que propusemos observar e afirmar que as características neológicas presentes nas notícias e artigos de opinião do *JT* seguem uma tendência de incorporação dos termos que nomeiam uma língua bastante abrangente, evidenciando um desejo de apropriação da comunicação de forma efetiva, que seja capaz de envolver a todos seus integrantes, ficando evidente que, como a língua tem uma dinâmica que acompanha os acontecimentos, os processos de criação e evolução

tecnológica, onde criam-se maneiras diferentes, inovadoras no sentido de facilitar o meio em que vive, lá está a criatividade lexical nomeando tudo de forma a que não nos percamos nesse emaranhado. Se nos apropriamos de elementos para nossa comunicação, é fato que também os alteramos de forma a imprimir nossos aspectos culturais, tornando-os integrados à nossa maneira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi afirmado inicialmente, é inegável a importância de refletir sobre como nosso léxico vai sendo formado ao longo do tempo. Esse fenômeno é observado em todas as línguas do mundo. As palavras novas surgem na individualidade (na fala) e depois se expandem pela comunidade até se fixarem no sistema (que é virtual). Ninguém conhece (mesmo falante como língua materna) **TODAS AS PALAVRAS** da língua portuguesa. O falante apenas conhece **uma parte das palavras** utilizadas na sua variedade. Não existe nenhum dicionário capaz de registrar todas as palavras de uma língua, pois a cada momento, as palavras aparecem, desaparecem e se reciclam tal como o meio ambiente se comporta.

Ao analisar as várias definições, podemos afirmar que os neologismos, estrangeirismos e empréstimos linguísticos são responsáveis pelo constante surgimento de novas palavras em nossa língua. Notamos também que, com o passar do tempo, esses vocábulos se integram normalmente à língua. O que hoje é considerado neológico amanhã provavelmente deixará de ser, tendo em vista a familiarização destes na comunicação de nossa sociedade. Partindo desse pressuposto, constatamos que as palavras também sofrem as ações do tempo assim como os homens, porque o futuro de um estrangeirismo, de um empréstimo, ou de um neologismo é, provavelmente, tornar-se um arcaísmo, ou seja, palavras que no passado foram consideradas estrangeirismos e, em seguida, ocuparam destaque, tornando-se empréstimos e neologismos dentro da língua, mas que hoje não mais são usadas, pois caíram em desuso.

Diante do contato com os textos do jornal, através do manuseio que se deu a partir da leitura, seleção e análise do *corpus* extraído do *JTo*, um meio de comunicação social escrito, pudemos constatar que seu registro acompanha as mudanças que circulam na sua comunidade de falantes, permitindo perceber aquilo que é notícia, principalmente a partir do elemento novo, sendo essa a principal razão de sua existência. Revelando-se, portanto, como importante meio para observação e estudo da nossa sociedade. O elemento que nos permitiu estabelecer o critério de definição do que é neológico nesse trabalho, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), também nos fez perceber a rapidez com que nós falantes vamos adotando palavras e expressões que transmitem sentimentos de novidade, apontando para o que Correia e Barcellos Almeida (2012, p. 26) referem como “a instabilidade formal das unidades”.

A partir das observações feitas através da análise de diferentes conceitos que tratam da neologia em LP e da observação do registro de vários desses elementos neológicos em variados textos que circulam diariamente na comunidade tocantinense, mediante a leitura do Jornal do Tocantins, podemos, com relativa tranquilidade, determinar que as hipóteses

e a motivação da pesquisa a partir da ideia de que a neologia é um processo que enriquece a língua, de que não há unanimidade de opiniões sobre o uso dos estrangeirismos e de que há algumas posturas conservadoras que tratam desse fenômeno linguístico como vício de linguagem se confirmam à medida que vamos percebendo a dinamicidade com que a língua se renova para renomear muitas vezes aquilo que já faz parte do léxico do cotidiano, como *selfies* que passaram a denominar o que se conhecia como foto. Por outro lado, há sim certa preocupação, ou pelo menos, um desejo de defender e proteger a língua portuguesa dos estrangeirismos e dos “erros” cometidos pela comunidade de falantes ao incorporar essa instabilidade formal ao léxico.

Os estrangeirismos e empréstimos são fenômenos da produtividade lexical que ocorrem em qualquer língua e em qualquer variedade. Observa-se que esses ocorrem na língua oral e na língua escrita como vimos no caso do jornal. Em países onde há multilinguismo, os empréstimos são mais recorrentes. Finalmente, considerando o objetivo de estudar as formações neológicas a partir dos principais estudiosos do léxico, podemos afirmar que esse processo está imbricado na cultura de nossa gente que assimila a novidade, mas, de forma inovadora, apropria-se desses elementos incorporando-os à nossa brasilidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, E. Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa. *Confluência*. Rio de Janeiro, n. 35/36, p. 17-28, 2009.
- BERLINCK, R. de A; BIAZOLLI, C. C.; BALSALOBRE, S. R. G. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. In: GOSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de. (Org.) *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicos e propostas de análise*. v.3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 261-280.
- BIZZOCCHI, A. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BRASIL. PROJETO DE LEI Nº 1676-D, de 1999. *Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/153443.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.
- CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CORREIA, M. Neologia e terminologia. In: MATEUS, M. H. M.; CORREIA, M. (Org.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. p. 59-74.
- CORREIA, M.; BARCELLOS ALMEIDA, G. M. de. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007
- FERRAZ, A.P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C.; TRINDADE C. de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 277-234.
- FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: MENDES, A.; FREITAS, T. (Org.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2005. p.371-385.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MUFWENE, Salikoko S. Ecologia da língua:algumas perspectivas evolutivas. in: COUTO, Hildo Honório do. et al.(Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. v.2. col. Síntese. Goiânia: Ed.UFG, 2016. p.473-500.
- OLIVEIRA, F. de. *Gramática da linguagem portuguesa*. 1.^aed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Edição fac-similada.
- RODRIGUES, C. M. X. Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas. *Alfa*, São Paulo, v.36, p. 99-109, 1992.
- SABLAYROLLES, J.-F. La n'ecologie aujourd'hui. In : GRUAZ, C. (Ed.) *A la recherche du mot : De la langue au discours*. Paris: Lambert-Lucas, 2006, p.141-157.
- SANTOS, A. S. Léxico da língua Wapichana: um olhar sobre os empréstimos da língua portuguesa. *Revista Prolíngua*. v.2, n.1, p.13-23, jan/jun. 2009.
- SAPIR, E. Língua e ambiente. In: COUTO, H. H. do et al. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. v.2, Trad. Joaquim Mattoso Camara Jr..Goiânia: Ed. UFG, 2016. p.57-76.
- SIQUEIRA, G. M. Relações lexicoculturais no campo trabalho. In: PAULA, M. H. de. (Org.) *Língua e Cultura: estudos de léxico em perspectiva*. Goiânia: Gráfica UFG, 2015, p. 21-48.
- TIMBANE, A. A. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Via Litterae*, v. 4, n. 1, 2012. p. 5-24.
- TIMBANE, A. A. *A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique*. 2013. 313f. (Tese). Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013a.
- TIMBANE, A. A. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. *Caligrama*. Belo Horizonte, v.18, n.2, p.7-30, 2013b.

TIMBANE, A. A. A lexicultura no português de Moçambique. *Linguagem: estudos e pesquisas*. Catalão-GO, v. 18, n. 2, p. 43-59, jul/dez. 2014.

TIMBANE, A. A.; SANTOS, I. da S.; ALVES, M. J. A variação léxico-semântica em jornais lusófonos. In: *Anais do 2º Congresso de pesquisa, ensino e extensão*, UFG, RC, Catalão, p.773-779, 28-30 set. 2016. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/gerar_site.php?ID_SITE=11261>. Acesso em: 15 jan. 2017.

XATARA, C. M. Estrangeirismos sem fronteira. *Alfa*. v. 45, p. 149-154, 2001.

Recebido em: 05/06/2017

Aprovado em: 23/07/2017

Publicado em: 01/12/2017